Revista Atenas Higeia
ISSN -2596-1403

Maiores dificuldades enfrentadas por médicos recém-formados em ambientes ambulatoriais



Artigo Original

Ana Cecília Camilo Soares[1], Ana Luísa Pereira Freitas[1], Camila Alexia Silva Baêta Camargo[1], Esther de Abreu Macedo[1], Laura Beatriz Silveira[1], Maria Eduarda Mourão e Silva[1], Caio César Souza Coelho[2]
1 Acadêmico da Faculdade Atenas de Sete Lagoas
2 Professor da Faculdade Atenas de Sete Lagoas

Resumo

A transição da vida acadêmica para a prática clínica em ambientes ambulatoriais representa um período de grandes desafios para médicos recém-formados, que frequentemente se deparam com falhas na experiência prática e no desenvolvimento de habilidades clínicas importantes, além da dificuldade em se adaptar ao ambiente de trabalho, que muitas das vezes está vinculado a cargas horárias exaustivas. Somado a isso, os recém-formados enfrentam a necessidade de lidar com suas responsabilidades em um ambiente de alta demanda, como ocorre na sala vermelha dos hospitais, em cirurgias, com pacientes em cuidados paliativos e até mesmo em atendimentos rotineiros o que pode gerar estresse, ansiedade e insegurança. Essa revisão sistemática tem por objetivo enfatizar, os diversos desafios enfrentados por médicos recém-formados em ambientes ambulatoriais em relação a lidar com pressões externas e a cobrança diárias, durante a residência, por exemplo, ou na prática clínica. Dessa forma, é fundamental que médicos recém-formados e os médicos já estabelecidos no mercado, tenham oportunidades para desenvolver uma cultura de colaboração e troca de experiências, visando melhorar a eficácia no atendimento ao paciente e facilitando a adaptação em uma nova realidade.

Abstract

The transition from academic life to clinical practice in outpatient settings represents a period of significant challenges for newly graduated physicians. They often encounter gaps in practical experience and the development of essential clinical skills, as well as difficulties in adapting to the work environment, which is frequently associated with exhausting workloads. Additionally, newly graduated physicians face the need to manage their responsibilities in high-demand environments, such as emergency rooms, surgeries, palliative care, and even routine consultations, which can lead to stress, anxiety, and insecurity. This systematic review aims to highlight the various challenges faced by newly graduated physicians in outpatient settings in dealing with external pressures and daily demands, during residency, for example, or in clinical practice. Therefore, it is crucial that newly graduated physicians and established physicians in the market have opportunities to develop a culture of collaboration and experience exchange, aiming to improve patient care effectiveness and facilitate adaptation to a new reality.

Introdução

A transição da formação médica para a prática clínica em ambientes ambulatoriais é um momento de inúmeros desafios e dificuldades para os médicos recém-formados. Os quais, enfrentam lacunas significativas na experiência prática e no desenvolvimento de habilidades clínicas essenciais ao ingressar em ambientes ambulatoriais (Dornan et al., 2015).

A falta de articulação entre teoria e prática e a participação ativa do estudante é um dos principais desafios enfrentados. O qual ocorre devido à ausência de uma construção pedagógica crítico-reflexiva, sustentada numa perspectiva de construção do conhecimento com base na problematização da realidade (Gonçalves, Silva e Gonçalves, 2018). Além disso, a falta de exposição a casos clínicos complexos durante a formação acadêmica pode aumentar o risco de erros clínicos e afetar a capacidade médica de fornecer cuidados a saúde de qualidade e humanizado (Teo, 2016).

Ademais, percebe-se que ao terminar a graduação em medicina, o profissional é ainda

muito jovem para lidar com tantos problemas (Carvalho, Cibele, 2021). Nesse contexto, há uma crescente preocupação por médicos recém-formados, dada as dificuldades por eles enfrentadas. Portanto, surge a necessidade dessa abordagem que se reflete na complexidade das causas subjacentes, influenciadas por fatores como expectativa pós formados, medo, competitividade, condições precárias de trabalho e salários muito menores do que eles esperavam.

Logo, durante o período acadêmico é necessário que haja um contato direto entre acadêmicos e pacientes, para que os primeiros consigam desenvolver uma maior capacidade de tomar decisões autônomas e adquirir habilidades críticas (Weissman et al., 2016). Nesse momento, também, é primordial que o acadêmico consiga ter um gerenciamento eficaz do tempo, assim, estes irão se adaptar a exaustiva carga horária de trabalho, com uma alta demanda de pacientes e responsabilidades clínicas (Katz et al., 2016).

Portanto, além de se manterem atualizados com as demandas do mercado, os recém-formados devem buscar oportunidades de networking e estabelecer conexões com profissionais experientes. Os recém-formados devem considerar a possibilidade de complementar sua formação com cursos e treinamentos específicos que estejam alinhados com as demandas atuais da área da saúde. (Revista Visão Hospitalar, 2020). Então, surge o dilema, após a formatura, de continuar com a especialização nos programas de residência médica ou inserir-se no mercado de trabalho. Isto faz lembrar que a prática médica se inscreve no bojo de uma ocupação, um meio de subsistência para quem a produz. (Rocha, 2005). Nesse âmbito, a falta de informação e a falta de estratégias podem ser obstáculos para a inserção desse profissional no mercado, sendo essencial disseminar conhecimentos de forma acessível e eficaz.

Dessa forma, este trabalho busca compreender esses impactos e abordar a influência destes na qualidade de vida dos profissionais. Para isso, visa destacar a importância da inclusão de temáticas práticas de urgência e emergência e cuidados paliativos nas grades curriculares dos estudantes. Ademais, ressalta-se a necessidade de as faculdades abordarem atividades extracurriculares para que os acadêmicos tenham contato com a realidade médica que será enfrentada após sua formação. Dessa forma, a pesquisa almeja desenvolver estratégias tangíveis e aplicáveis de como esse novo profissional pode buscar por aperfeiçoamento que visam garantir sua atuação no novo cenário do mercado de trabalho, em ambientes ambulatoriais.

Metodologia

Trata-se de uma revisão narrativa que visa compreender as dificuldades enfrentadas por médicos recém-formados em ambientes ambulatoriais, abordando obstáculos para a inserção e adaptação dos mesmos. Para a execução da pesquisa, será realizada a busca de publicações científicas por meio do Google Acadêmico, este foi a principal plataforma de busca. Essa escolha se deu pela ausência de artigos relevantes sobre o tema em outras bases de dados científicos amplamente utilizadas. Foi utilizado como descritor “Médicos AND Recém-Formados”, encontrando inicialmente 73.700 artigos. Desses, foram delimitados artigos dos últimos 5 anos (2020-2024), na língua portuguesa. Além disso, artigos de revisão foram excluídos, permanecendo 15.533 artigos para análise. Desses, 7.765 artigos foram excluídos por se tratar de especialidades médicas específicas, não sendo o intuito do trabalho discutir sobre essa temática. Ademais, 6.549 artigos abordavam sobre médicos formados há mais de um ano, sendo eliminados, visto que o enfoque é sobre médico generalista recém-formado. Assim, 9 artigos foram selecionados para a produção do trabalho, os demais foram eliminados a partir da leitura do título e do resumo.

Resultado

O estudo contribui para enfatizar as diversas pressões por desempenho enfrentadas por médicos recém-formados, a

insegurança profissional que muitas vezes permeia esse estágio inicial da carreira, as condições adversas de trabalho que podem ser encontradas nos ambientes ambulatoriais, e as dificuldades em equilibrar a vida profissional e pessoal. Ao dar enfoque a esses fatores, o estudo destaca os elementos que impactam negativamente tanto o desempenho profissional quanto a saúde mental e até física desses profissionais.

Através desta análise detalhada e abrangente, espera-se informar a complexidade e os múltiplos aspectos da transição para a prática ambulatorial. Ao promover uma maior conscientização sobre a necessidade urgente de reconhecer e abordar esses obstáculos, o estudo busca influenciar a criação de meios mais eficazes e ambientes de trabalho que sejam mais compreensivos.

Quadro 1- Artigos selecionados para a execução do trabalho.

Artigo selecionado	Ano de publicação	Temas abordados
Perfil socioprofissional dos médicos atuantes em serviços hospitalares.	2020	O artigo em questão busca enfatizar a falta de experiência dos médicos que estão trabalhando na área de urgência e emergência. Dessa forma, destaca a necessidade de capacitação dos profissionais, posto que apenas uma minoria dos entrevistados possuía especialidade ou pós-graduação nessa área.
O jovem médico: a trajetória profissional nos quatro primeiros anos de formados de uma instituição no norte do país- coorte prospectiva.	2020	O estudo em questão realizou uma análise sobre os primeiros quatro anos de formados de um grupo de médicos. São avaliadas as dificuldades da inserção profissional, o ingresso dos recém-formados na Residência Médica (RM), a satisfação financeira, a sobrecarga física e mental e os impactos na qualidade de vida.
A Inserção de Acadêmicos de medicina na Sala Vermelha e a Complementação ao ensino de Urgência e Emergência: Relato de Experiência.	2020	A introdução acadêmica na sala vermelha contribui para a formação do profissional, sendo importante, sobretudo, porque médicos recém-formados acabam trabalhando em plantões, seja em prontos-socorros, unidades de pronto atendimento ou atendimento pré-hospitalar.
Transmissão de vivências acadêmicas e médicas de egressos a discentes de medicina: um relato de experiência.	2021	O relato de experiência "Jornada de Vivências Acadêmicas e Médicas" realizada em agosto de 2020 compartilhou as trajetórias de egressos de Medicina. Esses relatos ajudaram acadêmicos a entender melhor a profissão, abordando temas como graduação e carreira. A troca de experiências mostrou-se valiosa para moldar expectativas e decisões dos futuros médicos, destacando a importância dessas iniciativas nas escolas médicas.
Os cuidados paliativos no ensino médico pré-graduado: perspectivas dos estudantes finalistas de medicina e dos internos de formação geral.	2021	Os cuidados paliativos (CP) são essenciais e um direito humano, importantes devido ao aumento da expectativa de vida e das doenças crônicas. A falta de formação adequada em CP é uma barreira significativa. Em Portugal, desde 2016/2017, o ensino de CP é obrigatório no Mestrado Integrado em Medicina. Este estudo analisa a formação em CP nas escolas médicas portuguesas e sua influência na vida profissional dos estudantes.
Perfil a trajetória dos egressos de programas de residência das áreas básicas: um corte transversal.	2021	Evidencia que a monitoração periódica de egressos de programa de residência é um instrumento útil para avaliação do programa e permite monitoramento das intervenções implementadas, viabilizando inclusive a obtenção de informações que ajudem no planejamento de novos programas.
Qualidade de vida dos médicos residentes dos hospitais escolas do município de Juiz de Fora-MG.	2021	O artigo aborda a residência médica e os impactos que essa pós-graduação pode acarretar, considerando que os médicos enfrentam um ambiente estressante no seu cotidiano. Este artigo busca enfatizar como essa situação pode afetar a qualidade de vida dos indivíduos.
Perfil dos médicos egressos de uma instituição federal de Minas Gerais.	2022	O artigo salienta a importância de uma base integrada, que abranja aspectos humanizados e uma formação ética. A partir disso, todos os entrevistados na pesquisa se sentiram preparados para o mercado de trabalho. O processo de ensino-aprendizagem, portanto, requer a utilização de currículos integrados e metodologias voltadas para o estudante, formando assim um conhecimento alinhado à realidade e integrado aos serviços de saúde.
Análise dos fatores de atração e retenção de profissionais médicos da estratégia de saúde da família na região oeste de Minas Gerais.	2022	A inserção do médico recém-formado na Estratégia Saúde da Família (ESF) é muito frequente. O artigo em questão busca compreender fatores associados à retenção de médicos na ESF, como questões pessoais, profissionais e organizacionais. Melhorias nas condições de trabalho, estabilidade nos vínculos empregatícios e uma gestão mais eficiente são abordados como essenciais para fortalecer a Atenção Primária à Saúde (APS) e garantir a continuidade e a qualidade dos serviços de saúde.

Discussão

A inserção do médico recém-formado no mercado de trabalho é influenciada por diversos fatores, como: a gestão da Unidade Básica de Saúde (UBS), estabilidade empregatícia, regulamentação dos direitos trabalhistas e aspectos organizacionais. A Estratégia Saúde da Família (ESF) trata-se de uma abordagem robusta de prestação de cuidados primários a populações definidas por meio da implantação de equipes de saúde multidisciplinares (Macinko, et al., 2015), e, geralmente, são as primeiras oportunidades de trabalho para os recém-formados.

A responsabilidade pela gestão da ESF é dos municípios. No entanto, muitos profissionais médicos que se vinculam ao município por contratos temporários e desejam se fixar, no entanto, a fragilidade dessa forma de contração, torna-se um entrave para a fixação do médico no município, já que há uma incerteza da rescisão do contrato a qualquer momento. Não é a remuneração considerada o principal determinante para fixação dos profissionais médicos em uma instituição ou cidade. Para os médicos recém-formados, o estilo de vida parece ser mais influente do que motivadores considerados mais tradicionais, como remuneração, prestígio e duração da formação na escolha da especialização Dorsey, Jarjoura e Rutecki (2003). As condições de trabalho e a qualidade de vida são os principais fatores que os levariam a permanecer em um local de trabalho (Scheffer, et al., 2018).

Estudos apontam que a predominância de vínculos precários, com perdas de direitos trabalhistas, é crescente no setor público e, por consequência, na ESF, resultando em instabilidade e insegurança aos profissionais, sendo apontados como principais responsáveis pela alta rotatividade deles. Para Giovanella e Almeida (2017), a precariedade dos vínculos indica fraca intervenção estatal no direcionamento da força de trabalho para o sistema público de saúde. Tem-se que os contratos por meio de organizações terceirizadas na saúde não geram estabilidade profissional, por isso são vulneráveis e frágeis, além de impactar na saúde física e psíquica dos profissionais por submetê-los a diferenças

salariais, de benefícios e de tratamento. Isso gera um fluxo migratório dos trabalhadores da ESF e interfere no princípio da atenção primária, a longitudinalidade, que pressupõe o vínculo ao longo do tempo entre profissionais e usuários e continuidade do cuidado (Mandarini MB, Alves AM e Sticca MG, 2016).

Além desses fatores, o excesso de pacientes por UBS, a falta de condições físicas adequadas, e a disponibilização insuficiente de materiais são inseridos como dificuldades enfrentadas pelos médicos recém-formados, na análise de Soares (2022).

Um estudo realizado por Caldas, Ferreira e de Assunção (2020), acompanhou a trajetória de um grupo de médicos, durante os quatro primeiros anos de formados. Neste, foi demonstrado um predomínio de profissionais atuando no setor público e nos níveis primário e terciário. Isso se explica, à medida que o trabalho em UBS é a principal porta de entrada para o ingresso do médico recém-formado, o que amplifica a inserção no nível primário. Já a presença no nível terciário pode ser associada ao ingresso na Residência Médica (RM), que em maioria ocorre em hospitais.

A RM é um importante meio de capacitação profissional do médico reconhecida no Brasil como a melhor modalidade para a formação de especialistas e, segundo Scheffer, Biancarelli e Cassenote (2015), atualmente, a maior parte dos médicos especialistas obtêm o título por essa via. A grande maioria dos egressos realizou concurso para RM nos 4 anos de formados e, dentre os não aprovados, 75% pretendem tentar novamente aprovação em concurso para RM. A escolha da especialidade pelos recém-formados é baseada principalmente nos seguintes fatores: tempo pessoal livre, prática de atividades de lazer e convivência com a família e maior controle sobre as horas semanais trabalhadas, ou seja, aspectos que valorizam a qualidade de vida. Isso porque, é referido uma significativa quantidade de residentes que possui obstáculos para equilibrar sua vida profissional e pessoal, o que pode trazer prejuízos para o bem-estar geral do indivíduo.

A profissão médica é comumente relacionada ao desgaste físico e mental. Entre os principais motivos que resultam nesse desgaste, destacam-se: o excesso de horas de trabalho, a grande responsabilidade sobre as vidas dos pacientes, estresse e em menor proporção, a baixa remuneração, (Caovilla, et al., 2008, e Sousa, et al., 2002). As consequências desse desgaste físico e mental, manifestam-se na ocorrência, mais frequente entre os médicos de: quadros psiquiátricos como síndrome do pânico, queixas digestivas, doenças cardiovasculares, aumento da prevalência de hipertensão arterial, fadiga, depressão e Síndrome Burnout.

Indubitavelmente, esses dados transparecem a carência de medidas de suporte que possam auxiliar a promover a saúde mental e a qualidade de vida dos médicos recém-formados. Dessa forma, a melhoria das condições de trabalho pode auxiliar em uma entrega de resultados mais equilibrada e produtiva, pois os profissionais serão capazes de lidar melhor com a pressão que estão submetidos. Isso terá um impacto positivo, refletido em um atendimento de maior qualidade e eficiência, além de contribuir para a formação completa do profissional.

No entanto, sob outro viés, há quem acredite que o estresse é essencial nessa área e deve ser trabalhado, já que sendo controlado, pode promover efeitos desejáveis como tolerância, autoconfiança e maturidade. (Valadares, et al., 2021). A especialidade de Medicina de Emergência, área responsável por atender qualquer paciente que precise de cuidados após passar por uma situação inesperada, exige que o médico seja competente para lidar com pressão a todo momento. Nesse contexto, ressalta-se que essa área possui ingresso precoce de médicos recém-formados, posto que, por possuir processos seletivos que, geralmente, têm poucos requisitos, abriga uma considerável parte dos médicos recém-formados. (Guedes et al., 2021). Essa realidade implica a necessidade de as universidades fornecerem, durante a vida acadêmica dos futuros profissionais, conteúdos curriculares e infraestrutura compatível com as demandas exigidas para inserção no mercado de trabalho

da urgência e emergência. Um exemplo de situação da emergência é a sala vermelha, centro do atendimento a pacientes críticos, representa um ambiente de alta complexidade e dinâmica intensa. Esse espaço, exige dos profissionais de saúde uma atuação rápida, precisa e humanizada. A inserção de acadêmicos de Medicina nesse cenário, por meio de ligas acadêmicas, revela-se como uma estratégia fundamental para o aprimoramento da formação médica e a qualificação da assistência prestada aos pacientes. (Filho, A M E F, et al., 2020).

A literatura científica demonstra que a experiência prática na sala vermelha proporciona aos estudantes a oportunidade de vivenciar, de forma real e intensa, os desafios da prática clínica em situações de urgência e emergência. Ao acompanharem equipes multidisciplinares e participarem de procedimentos complexos, os acadêmicos desenvolvem habilidades técnicas, como a realização de intubação orotraqueal, a administração de medicamentos de alto risco e a interpretação de exames complementares. Nesse contexto, ao vivenciarem de perto o atendimento a pacientes em estado grave, os acadêmicos adquirem conhecimentos práticos sobre as principais patologias que acometem esses indivíduos, como traumas, infartos, acidentes vasculares cerebrais e intoxicações. A oportunidade de acompanhar a equipe multidisciplinar na realização de procedimentos como reanimação cardiopulmonar, intubação e drenagem torácica permite que consolide os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula e desenvolvam habilidades técnicas essenciais para o exercício da medicina. (Filho, A M E F, et al., 2020).

Dessa forma, apesar das experiências práticas geradas pelo internato médico, que são de grande importância para a formação do profissional de saúde, a carga horária dedicada para as vivências em urgência e emergência é insuficiente para o aprendizado efetivo e para o treinamento adequado, dada à potencial gravidade dos casos atendidos e à exigência de competências profissionais específicas. Tais situações pós formação levando em consideração que serão aplicadas em plantões é essencial para que esses futuros profissionais tenham segurança nas suas decisões e condutas (Aguiar, H D G, et al., 2011).

Outro fator relevante que vale ser ressaltado sobre as escolhas após formação acadêmica, é que foi encontrada uma diversidade na área de atuação dos médicos recém-formados, dessa forma, foi identificado uma maior preferência por trabalharem nos grandes centros urbanos. Nesse sentido, grande parte dos egressos foram destinados para o estado de São Paulo e Minas Gerais, com uma concentração significativa em centros de excelência (Chaves HL, et al., 2013; Rodrigues ET, et al., 2017). Por outro lado, muitos médicos possuem grande dificuldade em se inserirem em serviços relacionados à área de saúde em regiões mais afastadas, como a região da Amazônia. Há uma tendência maior de desistência em áreas com menos oportunidades e condições de trabalho desfavoráveis (Ferreira LBM, et al., 2020; Sakai MH, Cordoni-Junior, 2004). O perfil de formação profissional quase em sua totalidade mostrou-se satisfeita com o curso de medicina. Esse grau de satisfação do enfoque há um lado positivo, principalmente, da importância de atividades extracurriculares na grade acadêmica, pois além de uma melhor formação prática também auxilia o médico a ter uma visão mais humanizada e empática no atendimento.

A Jornada de Vivências Acadêmicas e Médicas de agosto de 2020 apresentou ex-alunos que compartilharam suas vivências durante o curso de Medicina, relataram sobre suas expectativas, frustrações, medos e aprendizados, que são manifestadas em diferentes momentos da vida acadêmica e profissional (Ornelas et al., 2024). Assim como essa jornada, o contato entre profissionais e estudantes possibilita a experiência extracurricular e o aprendizado de muitos aspectos que não são debatidos e aprendidos nas graduações.

A graduação é repleta de sucessos e insucessos inerentes à experiência acadêmica, essa fase permite a criação de um ambiente de constante autoconhecimento (Barreto et al., 2009; Sakai; Cordoni, 2004;

Pinho et al., 2015; Cruz et al., 2010). Além disso, a fase acadêmica é o momento não só de aprendizagem técnicas, mas também psicossociais que é indispensável, uma vez que é o momento de depositar suas expectativas e frustrações frente à formação médica. Logo, a troca de experiências entre os estudantes e os médicos pode contribuir para uma profissionalização instruída, segura e bem preparada, (Cruz et al., 2010); Rodrigues et al., 2013).

Ainda há muitos aspectos que são alheios ao ensino nas universidades, mas que carecem de atenção e esclarecimento, como o "ser médico", a educação financeira, o mercado de trabalho e a carreira médica, (Barreto et al., 2009, Sakai; Cordoni, 2004; Pinho et al., 2015). E ainda, a qualidade da formação dos novos médicos depende de vários fatores que devem ser capazes de favorecer a autorreflexão crítica, a emancipação teórico-prática e a responsabilidade social (Costa et al., 2021). Desse modo, a participação de estudantes em eventos permite a contribuição no esclarecimento de aspectos extra-acadêmicos e possibilita a troca de conhecimento entre egressos e discentes efetiva e positiva, a fim de que consigam formular suas expectativas e suas decisões sobre sua futura capacitação médica.

Outro ponto que deve ser analisado para a inserção do médico recém-formado no mercado de trabalho, é a sua capacidade de lidar com os cuidados paliativos. De acordo com a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, os cuidados paliativos (CP) são considerados um direito humano e tornaram-se necessários para toda a população nos últimos anos. Assim, é possível o reconhecimento de um significativo aumento na expectativa de vida da população mundial e faz-se necessários os cuidados necessários para a saúde de todos.

A elevada expectativa de vida causa muitas preocupações na área da saúde, pois esse aumento de vida da população acarreta também no aumento de doenças, principalmente, diabetes e hipertensão. Nesse sentido, a Comissão Nacional de Cuidados Paliativos, (2020) recomendou a criação de estratégias que promovam a educação em cuidados paliativos. A Organização Mundial de Saúde retrata como limitada ou inexistente a formação dos médicos no domínio dos cuidados paliativos, não possuindo capacidade suficiente para prestar suporte a esses pacientes. Trata-se de uma negligência do assunto, uma vez que o médico deveria terminar a graduação com conhecimentos suficientes para prestar quaisquer tipos de cuidados médicos.

Em um estudo realizado com alunos e egressos das escolas médicas em Portugal, apesar da maioria dos alunos ter tido contato pessoas com doenças terminais ou incuráveis, uma parcela deles nunca esteve em uma Unidade de cuidados paliativos e apenas 23% dos entrevistados tiveram mais de 8 horas de ensino sobre o assunto, (Frazão e Pina, 2021). Além disso, a maioria dos participantes afirmaram que o ensino sobre cuidados paliativos não corresponde ao conhecimento generalista que um médico deveria ter (Frazão e Pina, 2021). Ou seja, as consequências da inexperiência sobre os cuidados paliativos por médicos recém-formados manifestam-se na má conduta dos pacientes.

A inserção dos cuidados paliativos na formação médica deve-se ao aumento da expectativa de vida e, consequentemente, do aumento de doentes terminais. Logo, são necessárias mudanças no currículo das escolas médicas para que os futuros médicos desenvolvam competências e combatam o sofrimento "evitável" dos seus doentes (Cristóvão e Pina, 2019). Há carências no aprendizado e na prática da relação médico-doente terminal, uma vez que os profissionais denotam um desconforto na comunicação de más notícias e na conversa sobre morte com um doente terminal, (Frazão e Pina 2021). Os médicos recém-formados reconhecem a necessidade do conhecimento sobre cuidados paliativos e da dificuldade encontrada no ambiente ambulatorial devido aos poucos planos de ensino com essa temática. De certo, os estudantes de medicina não terminam a graduação capacitados para cuidarem de doentes com doenças terminais e incuráveis, especialmente no acolhimento das suas necessidades psicossociais e espirituais

(Weber et al., 2011). Portanto, a educação no curso de medicina sobre cuidados paliativos é primordial, devendo existir uma disciplina obrigatória, com maior carga horária, principalmente prática, que forneça os conhecimentos necessários a qualquer médico generalista (Frazão; Pina, 2021).

Conclusão

A transição dos médicos recém-formados para ambientes ambulatoriais, é um desafio complexo que requer uma visão multidimensional para que esses profissionais possam se adaptar às exigências da prática médica. Este estudo destacou, essencialmente, os desafios enfrentados, como a pressão por desempenho, a insegurança profissional e as condições adversas do ambiente de trabalho, que podem impactar de forma negativa no desempenho profissional e na saúde mental. A valorização de estratégias que promovam uma cultura de apoio entre os recém-formados, mostra-se fundamental para facilitar essa adaptação. Essas mudanças incentivam o compartilhamento de experiências e conhecimentos entre profissionais já experientes com médicos recém-formados. Dessa forma, observa-se que esses indivíduos, além de apresentarem dificuldades com a nova realidade profissional, também enfrenta dificuldade para equilibrar sua vida profissional e pessoal, o que pode trazer prejuízos para o bem-estar geral do indivíduo. A busca por resoluções que respondam às expectativas e realidades que serão enfrentadas por esses médicos é de suma importância para promover um ambiente de trabalho mais produtivo e realista. Assim, a integração entre os profissionais da saúde contribuiria significativamente para a melhoria da experiência dos médicos recém-formados em ambientes ambulatoriais, fornecendo suporte que garanta uma prática médica de qualidade e um maior bem-estar para esses profissionais.

Referências

AGUIAR, Harley Daviddson Gomes, et al. O ensino da medicina de urgência no Brasil. Revista Médica de Minas Gerais, Belo Horizonte, v.21, n.4, p. 27-31, 2011.

BARRETO MAM, Reis CN, Miranda IB, et al. Ser médico: o imaginário coletivo de estudantes de medicina acerca da profissão de médico. Cad UniFOA. 2009:4(11):73-9. Disponivel em: http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/cadernos/article/view/1007.

CAOVILLA, F.; Leitzke, L.; Menezes, H.S.; Martinez, P.L. Perfil do médico egresso do Curso de Medicina da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Revista AMRIGS, v. 52, n. 2, p. 103-9, 2008.

COMISSÃO Nacional de Cuidados Paliativos. Plano Estratégico para o Desenvolvimento dos Cuidados Paliativos Biénio 2019–2020; 2019 [consultado 2020 Jul 17]. Disponível em: https://www.sns.gov.pt/wp-content/ uploads/2019/04/PEDCP-2019-2020-versao-final-10.02.2019.pdf.

COSTA AMFR, Almeida WC, Santos EO. Eventos científicos online: o caso das lives em contexto da COVID-19. Educação e Cultura Digital na COVID-19. Rev Práxis Educacional (Bahia). 2021;17(45): 1-16. Disponivel em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/

COUNCIL of Europe. Parliamentary Assembly. Committee on Social Affairs, Health and Sustainable Development. The provision of palliative care in Europe. Report Doc. 14657; 2018 [consultado 2020 Jul 17]. Disponível em: http://assembly.coe.int/nw/xml/XRef/Xref-XML2HTML-en. asp?fileid=25057&lang=en.

CRISTÓVÃO I, Reis-Pina P. Chronic pain education in Portugal: perspectives from medical students and interns. Acta Med Port. 2019;32:338-47.

CRUZ JAS, Sandy NS, Vannucchi TR, Gouveia EM, Passerotti CC, Bruschini H, Srougi M. Fatores determinantes para a escolha da especialidade médica no Brasil. Rev Med (São Paulo). 2010; 89(1):32-42. Disponivel em: https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/46270

DE AGUIAR Guedes, Kivia Silvério et al. Perfil socioprofissional dos médicos atuantes em serviços hospitalares. Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica, v. 19, n. 1, p. 14-19, 2021.

DE FREITAS, Brunnella Alcantara Chagas et al. Perfil dos médicos egressos de uma instituição federal de Minas Gerais. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 15, n. 6, p. e10601-e10601, 2022.

DESAFIOS e estratégias: o mercado para recém-formados em medicina - Revista Visão Hospitalar. Disponível em: Acesso em: 1 maio. 2024.

DORNAN, T., Tan, N., Boshuizen, H., & Gick, R. (2015). How and what do medical students learn in clerkships? Experience based learning (ExBL). Advances in Health Sciences Education, 20(2), 347-64.

DORSEY, E.R.; Jarhoura, D.; Rutecki, G.W. Influence of controllable lifestyle on recent trends in specialty choice by US medical students. Journal of the American Medical Association, v. 290, n. 9, p. 1173-8, 2003.

FRAZÃO, Pedro, and Paulo Reis-Pina. "Os Cuidados Paliativos no Ensino Médico Pré-Graduado: Perspectivas dos Estudantes Finalistas De Medicina e dos Internos de Formação Geral." Medicina Interna 28.1 (2021): 13-21.

FREED GL, Dunham KM, Switalski KE, Jones Jr MD, McGuinness GA. Research Advisory Committee of the American Board of Pediatrics. Recently trained general pediatricians: perspectives on residency training and scope of practice. Pediatrics. 2009;123(Suppl 1):S38-S43.

FILHO, A. M. R.; Brunetti, C. V.; Menezes, G. R. de; Japeniski, L. F. S.; Lins, M. E. F.; Watanabe, R. A Inserção de Acadêmicos de Medicina na Sala Vermelha e a Complementação ao Ensino de Urgência e Emergência: Relato de Experiência 2020,26.6.

GONÇALVES, João Victor, Silva, Roseli Ferreira da e Gonçalves, Renata de Cássia. Cuidado à Saúde e a Formação do Profissional Médico. Revista Brasileira de Educação Médica [online]. 2018, v. 42, n. 3.

KATZ, E., Durning, S., Caire, F., & Callahan, M. (2016). Medical Education in the Ambulatory Setting: An Outcomes-Based Approach. Academic Medicine, 91(9), 1256– 1259.

LIMA, E. J. da F., Lima, P. J. S. da F., Andrade, P. H. A. de ., Castro, L. M., & Fernandes, A. S.. Perfil e trajetória dos egressos de programas de residência das áreas básicas: um corte transversal. Revista Brasileira De Educação Médica, 2021.

MACINKO J, Harris MJ. Brazil's family health strategy--delivering community-based primary care in a universal health system. N Engl J Med. 2015;372(23):2177-81. http://dx.doi.org/10.1056/NEJMp1501140. PMid:26039598.

MARTINS, L.A.N. Vicissitudes do exercício da Medicina e saúde psicológica do médico. Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia, v.39, p. 188-93, 1995.

ORLANDER JD, Fincke BG, Hermanns D, Johnson GA. Medical residents' first clearly remembered experiences of giving bad news. J Gen Intern Med. 2002;17:825-31.

ORNELAS, Rachel Campos et al. Transmissão de vivências acadêmicas e médicas de egressos a discentes de medicina: um relato de experiência. Brazilian Medical Students, v. 5, n. 8, 2021.

PINHO APM, Dourado LCDC, Aurélio RM, Bastos AVB. A transição do ensino médio para a universidade: um estudo qualitativo

sobre os fatores que influenciam este processo e suas possíveis consequências comportamentais. Rev Psico. 2015; 6(1):33-7. Disponivel em: http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/1691

ROCHA, A. A. R. DE M. E. A trajetória profissional de cinco médicos do Programa Saúde da Família: os desafios de construção de uma nova prática. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v. 9, n. 17, p. 303–316, mar. 2005.

Desafios e estratégias: o mercado para recém-formados em medicina - Revista Visão Hospitalar. Disponível em: Acesso em: 1 maio. 2024.

RODRIGUES ALL, Prata MS, Batalha TBS, Costa CLNA, Neto IFP. Contribuições da extensão universitária na sociedade. Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-SERGIPE. 2013; 1(2):141-148. Disponível em: https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view1494/254.

SCHEFFER M, Cassenote A, Guilloux AGA, Biancarelli A, Miotto BA, Mainardi GM. Demografia Médica no Brasil 2018. São Paulo: Departamento de Medicina Preventiva; Faculdade de Medicina da USP, Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, Conselho Federal de Medicina; 2018.

SAKAI M, Cordoni Júnior L. Os egressos da medicina da Universidade Estadual de Londrina: sua formação e prática médica. Revista Espaço para a Saúde 2004:6(1):34-47. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/255647019_Os egressos da medicina da universidade es tadual de londrina sua formacao e pratica medica.

SARGENT, L.T.; Terry, D.J. The moderating role of social support in Karasek's job strain model. Work & Stress, v. 14, n. 3, p. 245-61, 2000.

SOARES, C. Análise dos fatores de Atração e retenção de profissionais médicos da estratégia da saúde da família na região oeste de Minas Gerais. APS EM REVISTA, v. 4, n. 1, p. 12–18, 2022.

TEO, A. (2016). The Current State of Medical Education in Japan: A Systematic Review. Japanese Medical Education, 30(3), 3-15.

VALADARES, Ana Laura Campos et al. Qualidade de vida dos médicos residentes dos hospitais escolas do município de Juiz de Fora–MG Doctors residents quality of life in hospital schools of Juiz de Fora–MG. Brazilian Journal of Health Review, v. 4, n. 5, p. 20638-20649, 2021.

WEBER M, Schmiedel S, Nauck F, Alt-Epping B. Knowledge and attitude of final-year medical students in Germany towards palliative care - an interinstitutional questionnaire-based study. BMC Palliat Care. 2011;10:19.

WEISSMAN, C., Zisk-Rony, R. Y., Schroeder, J. E., Weiss, Y. G., Apter, A., & Elchalal, U. (2016). Medical student attitudes toward communication skills training and knowledge of appropriate provider-patient communication: a comparison of first-year and fourth-year medical students. Patient Education and Counseling, 99(9), 1617-1622.

WORLD Health Organization. WHO Definition of palliative care [homepage na Internet] [consultado 2020 Jul 17]. Disponível em: http://www.who.int/ cancer/palliative/definition/en/.